

Isabela Figueiredo

Sublime Código da Insubmissão —

Diário em Curso

Segunda Insubmissão, Dia 2



Residência literária

VII Conferência Internacional José Saramago

"A herança filosófica e sociopolítica de José Saramago"

No domingo corriji provas tipográficas urgentes com a televisão ligada. É um hábito. Uma companhia. A televisão está comigo em silêncio. Confortam: silêncio e companhia. No ecrã da tv uma senhora da minha idade amassava ferraduras de erva-doce que antigamente se ofereciam aos convidados dos casamentos, na província. O quadro captou a minha atenção. As mãos, a malga, a massa. A jovem apresentadora do programa, cheia de falsa energia e certezas, insistia que as ferraduras de ervas doce não são doces. A senhora negava serenamente. Mostrava a quantidade de açúcar necessária. A apresentadora insistia que o bolo “tinha cara de ser bom para cortar às fatias, torrar e comer com manteiga”. Senti-me ofendida em nome da cozinheira. Interrompi o trabalho e disse alto: “ó, filha, não gostas das ferraduras. Só de éclaires e de ducheses. Tudo bem, mas admite.”

A senhora não respondeu. Permaneceu serena, paciente e concentrada no seu trabalho. Apresentava o ar humilde e conformado do nosso povo. A intemporalidade das pessoas que se consideram pequenas, mas que atravessam o tempo e o espaço e para sempre o marcam, anonimamente. Empurram o mundo diariamente, sem o saber. Vi nela a incontornável grandeza dos pequenos gigantes portugueses. Admirei essa portuguesa igual a todos os portugueses contra os quais me revolto. E nesse momento lembrei-me de uma afirmação de Saramago numa entrevista à Visão, em 2003. Dizia: “Pergunto-me todos e quase todos os dias: o que se passa com os portugueses? A imagem que eu tenho, e que me é dada pela comunicação social é a de haver uma dominante tão pequena, tão baixa, tão reles.” Reles, ali, só a comunicação social. A senhora cozinheira das ferraduras era a honra, a dignidade e a seriedade. Pensei nas pinturas de Graça Morais e veio-me à cabeça a história que deixo. Os pequenos são grandes, mas as mulheres são enormes. As velhas.

Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar O Ano de 1993

O mundo virado do avesso. Todos os dias a violência acaba e recomeça.

No centro do largo onde homens e bichos se debatem e esfaqueiam, se degolam e se comem, uma mulher velha quase a nascer amassa pão e broa de erva-doce para acalmar os estômagos e adoçar os músculos. A carne saciada e adoçada propaga o seu langor ao resto do corpo. Os braços amolecem. A voz se torna doce. Cai o silêncio do repouso.

O rosto singular e anónimo da velha que está quase a nascer é difuso, indistinto. Fundido em muitas caras. Um rosto vegetal. Lama seca. Um rosto sem rosto. Não pode descrever-se. Não nasceram as palavras. Ainda. É o rosto de todas as velhas que amassam desde o princípio das mãos.

O mundo acaba atrás dos montes. O mais longe que a velha conseguiu ir foi à vila do rei. Viu as danças, os cantares, os mimos e escutou os homens que contam histórias. Dizem que no sítio onde o sol se põe, para lá dos montes, há um lago salgado cujo fim não se alcança. Chamam-lhe mar. Nele nascem monstros. Dizem que se o mar fosse um rio teria serventia para regar todos os campos à roda da aldeia onde dorme. E mais além, os das aldeias vizinhas. O Verão inteiro. De noite e de dia. Mas é de sal. O sal queima e seca. Germina monstros. Para que serve o mar? Para rematar o mundo, pensa. O mar é o folho da saia.

O mundo começa a acaba fora do centro do largo onde amassa o pão e a broa e os emborca no forno. O lugar onde trabalha é esfregado todos os dias e permanece imaculado, embora o sangue da chacina salpique o largo incessantemente. Em parte, seco, em parte vivo. O sangue de todos os dias se acumula escurecido. Até ser terra. No forno do pão assa os corpos mais gordos dos massacrados. Só os mais gordos. De gente e de bicho. Gente e bicho qual é a diferença? Amálgama de carne. A velha quase a nascer alimenta os anões e os gigantes. E os anões-gigantes.

A linguagem é elementar. Representa o pão, o conduto, a água, o leite, o vinho. Os frutos. Os cornos. Punhais. Espigões para furar o peito e picar os corações. Peito. Corações. As mãos. Verbos: ruídos que significam fazer, comer, beber, foder. O princípio e o fim. E também o meio. Tudo junto. Qual é a diferença?

Na aldeia vivem os lobos que são os homens que são as vacas. Uns dentro dos outros, dos outros. Que comem, que são comidos, que comem. A pasta revolvida em cada estômago tomba nas pedras do largo. Não há diferença entre a merda dos lobos, dos homens, das vacas e não há diferença entre a carne dos lobos, dos homens e das vacas. A velha quase a nascer recolhe a bosta escrupulosamente. Como se fosse pão. É. Recolhe as folhas secas, os ramos partidos, as sementes perdidas. Tudo ela revolve na terra-sangue até se tornar terra-terra. Semeia o milho para as gentes e os bichos poderem nascer de novo e se alimentarem e terem força para se matarem. Se alimentarem, se matarem. De novo.

A velha quase a nascer amassa o pão e recolhe merda. Que não se desperdice excremento. Precisamos da terra, porque há que viver, porque há que morrer. O nada. É tudo.



Imagem: Cortesia do Grupo Leya

A escritora Isabela Figueiredo realiza uma residência literária na I Cátedra Internacional José Saramago por ocasião da nossa VII Conferência Internacional José Saramago. A autora de *Caderno de Memórias Coloniais*, obra internacionalmente conceituada, criará uma série de textos, em forma de diário, a partir de diversas temáticas relacionadas com as atividades da VII Conferência, com o título "**O sublime código da insubmissão**". Estes textos serão distribuídos e publicados durante os dias da Conferência.

Isabela Figueiredo nasceu em Lourenço Marques, Moçambique, e veio para Portugal em 1975 na condição de retornada. Foi viver com a avó, ficando separada dos seus pais, que ficaram em Moçambique, durante 10 anos. O seu pai era electricista. Isabela Figueiredo é licenciada em Línguas e Literaturas Lusófonas pela Universidade Nova de Lisboa e possui uma especialização em Estudos de Género pela Universidade Aberta de Lisboa. Publicou seus primeiros textos em 1983 no *DN Jovem*, suplemento já extinto do *Diário de Notícias*. Em 1988 ganhou seu primeiro prémio na Mostra Portuguesa de Artes e Ideias com a obra publicada sob o nome de Isabel Almeida Santos: *Conto é Como Quem Diz*. A autora trabalhou como jornalista no *Diário de Notícias* entre 1989 e 1994 e também como professora de Ensino Médio na Margem Sul de Lisboa entre 1985 e 2014. Em 2009, publicou a obra autobiográfica *Caderno de Memórias Coloniais* a qual foi eleita em 2010 como uma das obras mais relevantes da década pela escritora Maria da Conceição Caleiro e pelo ensaísta Gustavo Rubim no especial publicado pela revista de cultura *Ípsilon* (suplemento de artes do jornal Público). Ainda em 2010, recebeu o prémio de melhor livro do ano com *Caderno de Memórias Coloniais*. Seu romance *A Gorda* (2016) foi considerado um dos dez melhores livros de 2016 pela revista online *Espalha-Factos* e venceu o Prémio Literário Urbano Tavares Rodrigues de 2017.

Edição: I Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo, 2022.

Imagem da capa: Graça Morais, *Delmina*, 1996. Acrílico, carvão, pastel e colagem sobre tela, 200 x 144cm. Coleção Centro de Arte Contemporânea Graça Morais.

Texto: © Isabela Figueiredo



Universidade de Vigo

Faculdade de
Filologia e
Tradução

Cátedra
Internacional
José Saramago

POEPOLIT II

BiFeGa

PDIEL

Vicerreitoria de
Investigación
e Transferecia

Saramago
1982-2002

Fundação
José Saramago

CRMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGUESA
MANTIDO POR MÚLTIPLOS ESTABELECIMENTOS

CRMÕES
CENTRO CULTURAL
PORTUGUES
PORTUGAL
MANTIDO POR MÚLTIPLOS ESTABELECIMENTOS

THE PARIS INSTITUTE
FOR CRITICAL THINKING

ipb INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BRAGANÇA

FUNDAÇÃO
RUI ANTONIO DE ALBUQUERQUE

ILCML
INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOUSA

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

UPORTO
FLUP
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

ABELLA

abano

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

UNIVERSIDADE
LUSOFONA

XUNTA
DE GALICIA

Xacobeo 21-22

Afundación
Clubs Social ABANCA

MARCO
MARCO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE VIGO

CISPAC

Crepal
EA 3421

Sorbonne
Nouvelle
UNIVERSITÉ DE PARIS

PARK NACIONAL MONTE SERRA
DAS ELAS/LANTERAS
BIOGÉLIXA